

## Ibericidade e identidade mista em *Somos todos Hispanos*

Josyane Malta Nascimento\*

RESUMO: Quer-se analisar as propostas de leitura sugeridas no ensaio da escritora portuguesa Natália Correia, intitulado *Somos todos Hispanos*. Salienta-se o conceito de *ibericidade* como metáfora das raízes comuns entre Portugal e Espanha e a identidade mista formada ao longo dos séculos na Península, bem como a continuação cultural projetada na América Latina. Os processos de negociações de sentidos entre essas identidades reatualizam-nas para além das fronteiras territoriais.

Palavras-chave: Natália Correia; *Somos todos Hispanos*; Identidade; Iberismo.

*Em cada grão de literatura ibérica vibram a impulsiva  
permuta de duas culturas que têm as raízes enterradas no  
coração de um antiquíssimo e futuro tempo.*  
(Natália Correia)

Três obras do crítico literário português Eduardo Lourenço enfatizam a idéia da *saudade* portuguesa: *O labirinto da saudade*, de 1978; *Nós e a Europa ou as duas razões*, de 1988; e *Mitologia da saudade*, de 1999. A primeira obra leva o subtítulo “psicanálise mítica do destino português”, que mais tarde o autor reforçará a idéia com o termo “mitologia”, no título do último livro supracitado. A obra de 1988 traz o conceito de *hiperidentidade*, cunhado assim como proposta para se entender a forte identidade nacional conservada pelos portugueses. Desde a mitologia em torno do retorno de D. Sebastião, reforçada pela literatura, às glórias marítimas do país, Portugal refletiria no imaginário de sua identidade nacional o *passado* como o grande protagonista, conforme nos aponta Lourenço:

Portugal não espera o Messias, o Messias é o próprio passado, convertido na mais consistente e obsessiva referência do seu presente, podendo substituir-se-lhe nos momentos de maior dúvida sobre si ou constituindo até o horizonte mítico do seu futuro. (LOURENÇO, 1988, p. 10, grifos dele).

Para Lourenço, enquanto muitos países sofrem na contemporaneidade com a *crise de identidade*, Portugal parece não ser afetado por isso. Segundo o crítico literário, o problema de seu país é sofrer do que ele nomeou *hiperidentidade*:

---

\* Doutoranda em Estudos Literários pela UFJF

O nosso problema, como escrevi noutra ocasião, não é problema de *identidade*, (...) mas de hiperidentidade, de quase mórbida fixação na contemplação e no gozo da *diferença* que nos caracteriza ou nós imaginamos tal contexto dos outros povos, nações e culturas. (LOURENÇO, 1988, p. 10, grifos dele)

Lourenço reafirma em *Mitologia da Saudade* que, até o realismo literário – tendo como maior expoente Eça de Queirós – os portugueses nunca se descentraram de um *self* norteador desta *hiperidentidade* maravilhosa e mítica. Como efeito, o crítico literário acredita que Portugal colocou-se à margem do mundo, pois preocupados com seu próprio destino, os portugueses sempre teriam recusado um destino em comum com o outro:

A cultura portuguesa não produziu nunca – pelo menos até Eça de Queirós – (...) um olhar exterior a si mesma que a acordasse, não de qualquer cegueira dogmática ou culposa, mas da contemplação feliz e maravilhada de si mesma. Todos os povos vivem, mais ou menos, confinados no amor de si mesmos, Mas a maneira como os portugueses se comprazem nessa adoração é verdadeiramente singular. (...) Contudo, evitar o destino comum, instalar-se (...) à margem do mundo, foi um pouco aquilo que Portugal sempre tem feito. (LOURENÇO, 1999, p. 9-10)

No mesmo capítulo do excerto acima (que tem data de 1997), Lourenço questiona se haveria acabado esse olhar passadista do português: “Acabou, realmente, esse tempo em que os portugueses ressentiam como uma ferida o fosso que separava o seu presente sem relevo particular, invisível aos olhos de outrem, desse ‘imperial’ de si mesmos e para sempre perdidos?” (LOURENÇO, 1999, p. 11). E parece responder negativamente: “A *saudade*, descida no coração do tempo para resgatar o tempo – o nosso, pessoal ou coletivo–, é sempre uma lâmpada que recusa apagar-se no meio da Noite.” (LOURENÇO, 1999, p. 15)

Portugal tem o peso da tradição de seu passado glorioso e universal, desde a concepção de “Europa Iluminista”, até os projetos de nação moderna, a *hiperidentidade* ou a *saudade* foram – e para o crítico Eduardo Lourenço ainda são –, marcas constantes nas expressões culturais portuguesas:

Portugal é único país que colocou no centro da sua bandeira a esfera armilar, em suma, a representação do Universo. Isso não espanta ninguém e ainda menos os portugueses. Essa imagem não é apenas de ordem cosmológica – consagração do papel de Portugal como “descobridor de novas terras e novos céus” –, mas de ordem crística: *a do convidado modesto sentado no lugar de honra dos eleitos*. (LOURENÇO, 1999, p. 10, grifos nossos)

Mas como falar, hoje, deste “modesto convidado” – para tomar palavras de Lourenço – após sua inserção na União Européia, em 1986? Ainda se pode afirmar que Portugal conserva essa *hiperidentidade*, a partir da idéia de narrativa imaginada e fundacional, de coesão e identificação nacional com o passado?

Pensaremos a questão a partir da obra ensaística *Somos todos hispanos* (1988), da escritora portuguesa Natália Correia. Como tema principal, discute no livro a ibericidade comum a Portugal e Espanha, bem como os traços culturais que aproximam esses dois países à América Latina. Ao começar o texto à introdução dessa obra, Natália discute com novas propostas, a mesma *saudade* presente nas expressões culturais portuguesas, de que Lourenço também fala em seus escritos, a identidade propriamente nacional:

É com estas duas realidades, a do país reduzido à dimensão territorial da partida e a de uma lusofonia pluricontinental implantada que, para Portugal, chega o tempo de *repensar a sua cultura já não só como reforço da identidade nacional mas também como condição mesma da salvaguarda dos elos com as nações que falam a nossa língua*. (CORREIA, 1988, p. 7, grifos nossos)

Como aponta no excerto, Natália propõe que a identidade seja pensada além do nacional, como também a partir de elementos de *identificação*, com “elos” em comum entre Portugal, Espanha, América Latina e África.

A concepção de identidade nacional é complexa e ainda muito discutida. Stuart Hall (1999) compartilha com Anderson (2008) a ideia de uma “comunidade imaginada”:

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 1999, p. 51, grifos dele)

Dentre essas “imagens” construídas sobre a nação, Hall exemplifica as que são baseadas em “mitos fundacionais”. Segundo o autor de *A identidade Cultural na pós-modernidade*: “Um quarto exemplo de narrativa nacional é o do *mito fundacional*: uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo ‘real’, mas de um tempo ‘mítico’.” (HALL, 1999, p. 54).

A partir do exemplo discutido por Hall, podemos localizar o que Lourenço fala sobre a “mitologia da saudade” em Portugal: narrativa de caráter nacional, cuja permanência Natália propõe que seja repensada. Sobre *identificações*, ao invés de identidades, também fala o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos em seu livro *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades

aparentemente sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidade em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época são corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 1996, p. 135)

Em *Somos todos Hispanos* Natália Correia defende que se assumam a identidade mista formada pela Península Ibérica e sua continuação cultural projetada na América Latina. A epígrafe desse livro, assinado por Miguel de Unamuno, diz o seguinte:

*“Um providencialista creia que ao ter metido Deus uma grande nação de fala portuguesa entre as nações de fala espanhola é para que um dia se integre ali como aqui se integrará o comum espírito ibérico ao qual estão, aquém e além do oceano, reservados tão grandes destinos.”* (UNAMUNO, s/d, apud. CORREIA, 1988, p. 7, grifos dela)

Integrar Portugal, Espanha e América Latina é, pois, compartilhar do mesmo espírito ibérico que os dois países da Península, conforme as idéias de Natália. Não somente na proximidade entre as línguas portuguesa e espanhola como também nos outros elementos culturais comuns que extrapolam a delimitação continental.

A posição da escritora demonstra que a expressão cunhada como *ibericidade* (em 89 Natália reforçou o termo para falar do teatro português no ensaio *A Ibericidade na Dramaturgia Portuguesa*) propõe o descarnamento de uma identidade propriamente nacional – e por analogia também passadista e portuguesa – para enfatizar a importância de se assumir uma identidade mista que compartilhe um passado e uma história em comum “íbero-afro-americana”, o que também rechaça a idéia de um Portugal preso a uma História mítica, nos termos de Lourenço. Como a própria escritora definiu, trata-se de um projeto *pluricontinental*.

No mesmo debate, Boaventura de Sousa Santos defende que há “senso comum” entre os intelectuais de Portugal que definem o português sob uma série de paradigmas, que, curiosamente, segundo o autor podem ser salientados ou contrastados entre si em três aspectos. Em suma, este “senso comum” que curiosamente se contradiz, conforme Boaventura, estaria classificado entre a crítica intelectual portuguesa como: 1. os portugueses seriam espanhóis diferentes; 2. no caráter português se misturam elementos contraditórios; 3. haveria visões positivas e negativas da condição do “homem português”. Adiante, o sociólogo conclui que há no país um “surto de iberismo” e intelectuais como Natália Correia – Boaventura usa exatamente o ensaio *Somos todos hispanos* – e Eduardo Lourenço compartilhariam essa idéia.

Se como apontamos anteriormente Natália pensa uma identidade portuguesa *pluricontinental* e Lourenço acredita que Portugal nunca tirou os olhos de si mesmo, há um problema em apontar os dois intelectuais como compactuantes de um *sensu comum*, uma vez que essa expressão – senso comum – é clara em seu significado: comunhão de idéias. A crítica de Boaventura recai, sobretudo, no excesso de miticismo que os intelectuais portugueses ajudariam a proliferar:

O excesso mítico deste discurso, que é um só apesar de múltiplo, manifesta-se na arbitrariedade e selectividade com que manipula a história do país e na relação telescópica que estabelece com as transformações sociais, políticas, económicas e culturais do sistema mundial de que Portugal faz parte. (SANTOS, 1992, p. 62)

Incluir Natália nessa gama de intelectuais e afirmar que há um “surto de iberismo” entre eles é contradizer o que o próprio Boaventura afirmou no mesmo livro sobre identidade: “choque de temporalidades em processo transformação”; identidades sólidas, como a portuguesa, que “escondem negociações de sentido” e, finalmente, “identificações em curso”. Ora, num momento em que Portugal assina sua adesão em um grande bloco, Natália reforça a idéia do transnacional, ou como prefere a escritora, do pluricontinental. E isso não é adequar-se identitariamente? Não é negociar os sentidos que a história encarregou-se de firmar?

Por outro lado, devemos dar razão a Boaventura a respeito da contribuição dos intelectuais para a imaginação do país. De fato, como Anderson bem apontou em sua obra *Comunidades Imaginadas*, imagina-se a nação e compartilha-se uma identidade aceita como possível e verossímil: “Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32).

Portanto, se se pensar em identidade nacional hoje, como adiante questionamos, estaríamos negando semelhanças com outrem e afirmando elementos exclusivamente portugueses. Por outro lado, a partir do momento em que já se imagina uma identidade mista, como aponta o livro de Natália, também se está imaginando um discurso de identidade, ainda que esse seja “transnacional”, ou seja, atualizado à realidade que se experiencia no cotidiano globalizado. E Natália assume que recorre à literatura “posto que nela se soltam profundidades retidas nos recessos da psique colectiva e individual” (CORREIA, 1988, p. 8) e também por ser a literatura aquela que pode instituir e desinstituir as estórias e a História sobre a nação. Afinal, como falou Lourenço, desde Camões até Eça de Queirós, Portugal

*nunca* (a negativa é dele) teria “tirado os olhos de si mesmo”. Sobre isso, Boaventura de Sousa Santos tem uma posição interessante e polêmica:

O excesso mítico da interpretação sobre a sociedade portuguesa explica-se em grande medida pela reprodução prolongada e não alargada de elites culturais de raiz literária, muito reduzidas em número e quase sempre afastadas das áreas de decisão das políticas educacionais e culturais. (SANTOS, 1996, p. 54)

É certo que uma considerável parcela da imaginação mítica da identidade portuguesa deve-se à boa literatura do país. Mas em relação a tais intelectuais da “elite cultural” devemos ponderar sobre. No caso de Natália, sua participação na vida político-cultural do país é incontestável, assim como seu trabalho como deputada independente do PRD nos anos 1980 e 90. O que Natália propõe com o ensaio não é o rechaçamento da identidade nacional, tampouco uma liberalização da cultura pátria – ou Mátria, como já havia proposto a escritora em outro ensaio –, mas sim uma atualização da noção de identidade portuguesa que não se prenda aos velhos mitos fundacionais e possa estar em acordo com os novos projetos da pós-modernidade, apesar dela não usar ainda o termo.

Conforme Hall “tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações.” (1999, p. 68-69). Se a hegemonia do conceito moderno de Estado-Nação é colocado em xeque frente às grandes fusões de blocos continentais, traçar uma linha coesa entre a identidade nacional e as práticas individuais dentro do processo de globalização atual faz com que emergja como problemática a afirmação de que ainda possa se compartilhar de uma identidade fortemente coesa e pouco dispersa. E é exatamente a dispersão e/ou exclusão do sistema inter-integrador o que contribui para que a identidade nacional deixe de ser a única referência e assim eclodam formas alternativas de identidades culturais.

No ensaio de Natália Correia, a categoria “alternativa” de identidade cultural é cunhada como “homem ibérico”, metáfora dessa identidade *pluricontinental*. Esse termo “homem ibérico” teria nascido a partir de uma “mestiçagem”, segundo Natália:

Desta **mestiçagem** de luxo e rude argila, rixa insolúvel de gula de grandezas e enternecimentos por humildades, perpétua pendência de bravatas e falecimentos, deste *gene* da *genialidade* do barroco, cresceu na estação precisa da raça, o homem ibérico. (CORREIA, 1988, p. 14, grifos em itálico dela; grifo em negrito nosso)

Natália afirma que esse “homem ibérico” surge de uma “mestiçagem”. Como conceito, o termo por ela empregado envolve uma trama complexa dentro da idéia de

identidade nacional e que tem como corolário o abalo da mesma como noção unívoca. Segundo S. Carrizo, o conceito de mestiçagem nasce na relação com o “diferente”:

Trata-se de um conceito que emerge do choque com o diferente e se estabelece a partir da biologia, alargando-se na sociedade através de artimanhas discursivas e práticas políticas e, por sua vez, atinge o clímax ao ser proclamado como categoria identitária de uma nação e/ou de um continente. (CARRIZO, 2005, p. 261).

Natália reforça a idéia de que a Península Ibérica teria uma formação heterogênea de “sangues conglomerados” e mesmo a partir do nome “*Ibris* de que procede a Ibéria.” (CORREIA, 1988, p. 15, grifo dela). Apropriando-se da raiz do nome, Natália joga-o com o conceito de *híbrido*, aproximando-o também de *mestiçagem*.

As “raízes” mistas de Portugal voltam à tona hoje, quando o problema da identidade nacional é tratado frente às redes de identificação que a globalização acelerada inaugura.

Néstor Garcia Canclini discute em seu ensaio *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo* (2002) o que é ser latino-americano hoje, bem como a questão dessa identidade que extrapola o nacional. Para Canclini, assim como nós latino-americanos fomos configurando nossa identidade heterogênea com emigrações e experiências em muitos países, também os europeus têm pedaços do que são na América Latina:

(...) así como los latinoamericanos hemos ido configurando nuestra identidad heterogénea con vivencias de varios países, aun de Europa y Estados Unidos, muchos europeos y estadounidenses tienen pedazos de lo que son en América latina. (CANCLINI, 2002, p. 28)

No novo milênio, após assistirmos ao fenômeno da globalização e às alianças de grandes blocos econômicos, como definir identidade nacional e cultural? Ao discutir principalmente questões sobre a América Latina, Canclini afirma que há nessa identidade – de ser latino-americano – uma história comum que se nega: “(...) significa hoy ser latinoamericano es, entonces, interpretar la persistencia y los cambios de una historia conjunta que se niega.” (CANCLINI, 2002, p. 12). Segundo Natália, isso é exatamente o que Brasil e Portugal têm feito: ela confirma a tese em seu livro sobre como a Península Ibérica e a América Latina compartilham de uma história em comum em que muitas vezes é negada pela forte identidade nacional de seu país.

Com a transnacionalização da economia e da cultura, “lo que queda de las naciones?” Pergunta-se Canclini. E poderíamos traduzir: o que resta das identidades nacionais? Para Canclini, ainda se pode falar em nações, em identidades nacionais, porém, existe a ameaça de dissolução das mesmas, e em escala maior para a América Latina: “Siegue habiendo naciones,

pero bajo amenaza de disolución. El peligro es mayor en América latina que en otras regiones, como la Unión Europea, donde la integración continental es un poco más equilibrada.” (CANCLINI, 2002, p. 31). Natália acredita que a relação entre Portugal e Espanha seja pensada a partir da negociação intercultural dos dois países, e o fato de terem “raízes” em comum facilita a aliança dos mesmos para a atuação na “Europa Comunitária”:

Pressupõe naturalmente essa comunidade hispânica pluricontinental como primeiro patamar um relacionamento cultural estruturado entre os dois países peninsulares. O próprio emparceirar de Portugal e Espanha na Europa Comunitária recomenda que as duas nacionalidades se concertem em íntima solidariedade cultural. Em vez disso, Portugal aferra-se doentamente ao seu lusismo como talismã para esconjurar os demónios da iberização, como se um desmaiado sentimento pátrio esmorecesse a individualidade portuguesa na Península Ibérica. (CORREIA, 1988, p. 11)

De fato, parece ser um *ideal* da escritora avivar as afinidades culturais de Portugal num âmbito “pluricontinental”. Com a experiência e a lembrança de quase meio século de repressão do nacionalismo do Estado Novo português, seria curioso se a escritora ativista e revolucionária reforçasse qualquer forma de “nacionalismo empanturrado de pátria soberba” (CORREIA, 1988, p. 29). Portanto, devemos reforçar que a escritora até pode escrever contra o nacionalismo, mas não contra a identidade nacional, sendo que esta última, Natália propõe que seja compartilhada, e não apagada, seja flexível e não fixada.

Para Natália, a linguagem seria desisintituidora de fronteiras e formadora de elos comungados com a experiência do outro. A mensagem de Natália Correia em seu ensaio *Somos todos hispanos* propõe que a identidade cultural seja compartilhada, negociada, e quem sabe, assumida como parte de um patrimônio em comum com o outro.

RÉSUMÉ: On veut analyser les propositions de lecture suggérées dans l’écrit de l’écrivaine portugaise Natália Correia, intitulé *Somos todos Hispanos*. On met en relief le concept d’ibéricité comme métaphore des racines communes entre Portugal et l’Espagne et l’identité mixte formée au long des siècles dans la Péninsule, ainsi que la continuité culturelle projetée dans l’Amérique Latine. Ses processus de négociations entre ces identités les réactualisent au-delà des frontières de ces territoires.

Mots-clés: Natália Correia; *Somos todos Hispanos*; Identité; Ibéricité.

## Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo : Companhia das Letras, 2008.

CANCLINI, Néstor García. *Latinoamericanos buscando lugar en este silgo*.



- Buenos Aires : Editorial Paidós, 2002.
- CARRIZO, Silvina. “Mestiçagem”. In : *Conceitos de Literatura e cultura*.
- FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Juiz de Fora : UFJF, 2005.
- CORREIA, Natália. *Somos todos hispanos*. Lisboa : Edições “O jornal”, 1988.
- HALL, Start. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro : DP&A Editora, 1999.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade : seguido de Portugal como destino*. São Paulo : Companhia das letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. 2. ed. Lisboa : Dom Quixote, 1982.
- REIS, Livia Maria de Freitas. “Transculturização e Transculturização Narrativa”. In : *Conceitos de Literatura e cultura*. FIGUEIREDO, Eurídice (org.). Juiz de Fora : UFJF, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 2. ed. São Paulo : Cortez Editora, 1996.